

PAULO BRANCO APRESENTA

O NOSSO PARAÍSO



UM FILME DE GAËL MOREL

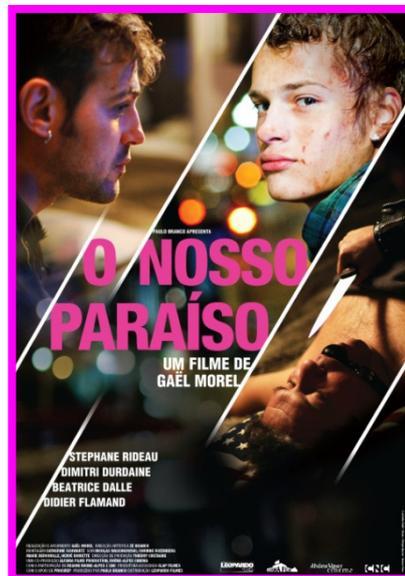
Duração 100min Formato 1.85 Som 5.1

O NOSSO PARAÍSO

Um filme de Gaël Morel

ELENCO

Vassili.....Stéphane Rideau
Angelo.....Dimitri Durdaine
Anna.....Béatrice Dalle
Victor.....Didier Flamand
Primeiro Cliente.....Jean-Christophe Bouvet
Mãe da Anna.....Raymonde Bronstein
Kamel.....Malik Issolah
Pequeno Vassili.....Mathis Morisset



FICHA TÉCNICA

Realização – **Gaël Morel**
Direcção de Arte – **Zé Branco**
Chefe de Produção – **Thierry Cretagne**
Argumento – **Gaël Morel**
Música – **Camille Rocailleux**
Som – **Nicolas Waschkowski – Corinne Rozenberg – Marie Deroudille – Herve Buirette**
Direcção de Produção – **Thierry Cretagne**
Um co-produção – **Alfama Filmes Production – Rhône-Alpes Cinema**
Com o apoio – **Procirep**
Produtor – **Paulo Branco**
Distribuição – **Leopardo Filmes**

Título Original/Internacional : **Notre Paradis**

Ano de Produção: **2011**

País: **França**

Género: **Longa-metragem**

Data de estreia em Portugal: **25-04-2012**

O NOSSO PARAÍSO

Um filme de Gaël Morel



SINOPSE Vassili, um prostituto na casa dos 30 anos e com instintos

assassinos, encontra um jovem inconsciente no parque Bosque de Bolonha em Paris e decide levá-lo para sua casa. Agora amantes e cúmplices, tornam-se um casal de prostitutos especialistas em roubar os seus clientes. Mas aos poucos, ameaças de retaliação deixam o casal sem saída. É então que a fuga começa...

*“Negro e lírico, este road movie de dois amantes criminosos(...)
“Encontrar o equilíbrio de um filme durante a sua fabricação define verdadeiros realizadores de cinema. Morel é definitivamente um deles”
Les Inrocks – Jean-Baptiste Morain*

*Stéphane Rideau, como um hipnotizante anjo negro, e Béatrice Dalle, como uma lindíssima mãe adotiva, acompanhados pelo radiante novato, Dimitri Durdaine.
Le Nouvel Observateur
– Xavier Leherpeur*

*A sua escuridão toca-nos de uma vez por todas.
Télérama – Frédéric Strauss*

*É durante as cenas assombradas pelo envelhecimento e pela perda da sedução que Gaël Morel é extremamente marcante.
Libération, Next – Philippe Azoury*

ENTREVISTA A GAËL MOREL

ESCURIDÃO EM TECHNICOLOR

“Mesmo quando alcançado, o mal retém alguma qualidade irreal, talvez isto explique a simplicidade dos criminosos, tudo é simples num sonho”

SIMONE WEIL

J G : Vassili, o serial killer interpretado por Stéphane Rideau, mata sem qualquer explicação. Este era também o caso da mãe infanticida do seu anterior filme, *New Wave*.

GM: Eu tento não limitar os meus personagens. Um personagem que mata é insondável e indeterminado, assim como é frequente nos meus filmes. É por isto que na maior parte do tempo, os meus diálogos são mais factuais do que introspectivos.

- A psicologia será “o túmulo do herói” como diz Cioran?

- A minha referência é o Brett Easton Ellis e a nova literatura Americana em geral: na obra de Dennis Cooper, por exemplo, a ausência de passado nas personagens não destrói a ficção. Pelo contrário. Eles são heróis não porque são bem resolvidos ou positivos, mas sim porque estão a seguir um caminho. No grande modelo da literatura, *Crime e Castigo*, o motivo de Raskolnikov para matar permanece desconhecido. O que Dostoïevski explica é o que acontece

dentro de si depois de realizar o crime, as consequências.

Se deixar uma imagem incompleta de si mesmo é uma regra de ouro, gosto de incluir isso na vida de um personagem. Em filmes como *Bonnie and Clyde* ou *The Honeymoon Killers*, não saber nada sobre a vida dos personagens, estimula a ficção. Esta questão da escuridão permite ao público encontrar um refúgio e projectar-se – não que eu queira que a audiência seja activa, mas esta é a melhor maneira de ganhar empatia por um personagem que dificilmente seria aceite. E isto é o oposto de violência gratuita.

APETITE SEXUAL

- Mas pode ser entendido como tal. Não teme que ao mostrar um homossexual, que é assassino e prostituto ao mesmo tempo, e cuja motivação nunca é explicada, seja responsabilizado por mostrar uma imagem negativa da homossexualidade?

-Eu considero que a homossexualidade pertence à esfera da sexualidade e não à esfera social. Em filmes, e em

programas de televisão (Plus belle la vie; Avocats et associés – Programas de Televisão Franceses), são vividos por homens que trabalham, que chegam a casa à noite etc. Enquanto que, mesmo se esse for o caso, a realidade sexual deles (onde a televisão nunca se aventura) é muito diferente – inúmeras casas nocturnas, sítios de engate.

Eu projectei o meu filme como sendo uma reacção contra a representação normativa da nossa sociedade actual, uma representação à qual eu dou uma resposta sexual. Eu sugiro ao público homossexual que se identifique com o vilão. Nenhuma mulher concordaria em ser mostrada num filme de uma maneira tão doméstica.

Mas eu nunca mostro o desejo sexual de uma maneira negativa – a cena do “ménage à trois” do Vassili é uma das cenas mais felizes do filme.

-Todas as personagens do filme têm um problema com a idade – não apenas o assassino, e não apenas os homossexuais, até porque Anna/Béatrice Dalle anda a ter romances com teenagers.

- Isto tem sido um acaso recorrente nos meus filmes. Um exemplo, no *Après Lui*, Catherine Deneuve ao perder o seu filho perde também a sua juventude, e começa a ter romances com jovens saídos da adolescência. Em *O Nosso Paraíso* o círculo de homossexuais, que mostro com sendo acima dos 40 anos, permite-me aprofundar essa ideia. É no entanto um círculo onde, qualquer que seja a função social dos seus

elementos, não existem responsabilidades familiares que os façam sentir o peso da idade. A sexualidade deles é muito adolescente e é uma das razões que fazem a jovialidade ser tão cobiçada. Cobiçada mas não necessariamente respeitada, um facto pelo qual Vassili, que os persegue e julga, põe a culpa nos seus predadores. Uma das pistas essenciais do filme, na minha opinião, é a simples frase que o médico profere: “ Uma velha bicha como eu tem de arranjar outros prazeres”. Provavelmente, os homossexuais velhos deveriam fazer o mesmo, mas este fenómeno vai crescendo na vida dos homossexuais – por vezes tragicamente e por outras comicamente.

BURACO NEGRO

- Nós sabemos da sua paixão por actores e atrizes. No entanto, reparei que ambos os actores principais, Stéphane Rideau e Dimitri Durdaine, que actua neste filme pela primeira vez, vêm de um background não profissional...Foi uma escolha propositada?

- Em primeiro lugar, o Stéphane Rideau é um actor que já trabalha há muitos anos. Mas é verdade que é um actor atípico. Este papel foi uma questão de confiança, de eu confiar nele e de ele confiar em mim. Imediatamente, o Stéphane não só aceitou tudo como queria tudo. Como se o personagem já tivesse dentro dele e não precisasse de

se colocar na pele de um assassino.

Stéphane é o actor ideal.

Acerca do personagem do jovem Angelo, rapidamente percebemos que o papel não deveria ser dado a um actor. Um actor normalmente quereria acrescentar intenções ao personagem. E muitas das pessoas fizeram-no durante o casting. Mas eu queria alguém que não compromettesse a sua juventude por uma grande causa, mesmo que essa causa fosse a do Cinema!

Ternura e confiança existem em todo o lado – incluído na relação com um assassino. Angelo tinha de ser completamente passivo. Ele tinha apenas de saber as suas falas e as suas marcas. Dimitri Durdaine possui algo muito moderno na sua aparência e algo de eterno: esta qualidade subtil e suave de que Edith Piaf falava em “Le Brune et le Blond” é uma concha, uma defesa que faz dele impenetrável - o oposto de uma representação. Tal como os personagens dos romances de Dennis Cooper ou dos filmes de Greg Araki, que se transformam em abismos quando confrontados com desastres. Este buraco negro, o poder da atracção e de destruição do loiro Dimitri expressou mostrou muito bem este ideal.

Ele foi encontrado no final de um longo casting que ocorreu durante meses onde o risco de “fazer demasiado” para obter o papel era geral. Dimitri é um actor para o futuro!

- E acima de tudo, estava à procura de uma presença.

- Eu odeio quando um actor finge a sua marca. Uma presença é uma figura, uma voz, um olhar, e como o Bresson encenou em *Le Diable*, uma caminhada. Isto são coisas que rapidamente identificamos numa pessoa. A presença de um actor é medida através da singularidade destes quatro elementos, como por exemplo Deneuve, Cassel, Depardieu, Delon, Dalle...!

- Béatrice Dalle, precisamente. Foi muito cuidadoso no argumento, porque a chegada dela ao filme não distrai o espectador do par Vassili/Angelo.

-Ela e o seu filho de 10 anos deslocam e focam o seu eixo de visão sobre os dois rapazes. Como uma boa mãe, mas com uma sombra em cima de si, ela permite-nos questionar o estatuto de Vassilis como assassino, quando este se torna paternal e protector sobre filho dela.

- É o seu segundo filme com Béatrice Dalle.

-Estava entusiasmado com a criação do inesperado casal Béatrice Dalle/Stephane Rideau - cada um um ícone à sua maneira. Ver estes dois ícones, por quem o tempo já passou, restaura a impressão de dois adultos acordando demasiado tarde das suas capas de adolescentes.

DESEJO MIMÉTICO

-Ela está sempre vestida de preto mas no entanto está sempre radiante. Isto aplica-se também na totalidade a este filme negro que está cheio de cores e luz, como costuma fazer. Eu não me consigo decidir entre os intensos claros-escuros de Caravaggio e o brilho vívido de Michelangelo.

- Deixo-o com a responsabilidade dessas referências. Tudo o que posso dizer é que o trabalho sobre a cor está incluído na mesma função de atribuição dos planos. É no cenário – como um pintor – que eu escolho a perspectiva, as áreas onde eu coloco a matéria (brilhos, roupas, pedras, neve...). Eu imagino sempre um plano com um cenário físico. Isto é particularmente visível durante as cenas de crime. Eu não me quero repetir, para ser redundante ou, em poucas palavras, para ser enfático. Isto resume-se ao uso de cores escuras num filme negro, iluminando personagens que eu gostaria que ficassem na escuridão das sombras. Idealmente eu gostaria de tornar essa escuridão e essa tonalidade em Technicolor.

-Há também muito vermelho...Imagens muito agressivas, sangue muito artificial, como em todos os seus filmes, como no *Aldrich*. O sangue fascina-o?

- Sangue significa violência. Na vida, nas ruas, a vulgaridade da violência parece-me sempre penosa. Pode interpretar o

uso de sangue nos meus filmes como quiser, mas sobre a violência, eu tento sempre adorná-la com beleza durante a cena.

- Demonstra uma forte desconfiança sobre o cinema naturalista...

- Não, não é isso que eu quero dizer. Existe uma tradição naturalista no cinema Francês, que se tem vindo a tornar numa espécie de norma, eu não tenho nada contra, mas sempre me defini como não tendo nada a ver com ela. O que eu disse previamente sobre a homossexualidade afecta todos os meus personagens - eles não devem ser estereótipos do seu meio. Eles envolvem-se no meio, mas não o incorporam. Com Faulkner, eu aprendi a definir os meus personagens através de discrepâncias na história, recorrendo ao possível, ao invés de reproduzir a realidade de uma maneira plausível.

-Como por exemplo?

-Olhares. A captação do olhar da audiência, como Hitchcock costumava colocar nos seus personagens, que se olhavam entre si. Em *Zombie* de Brett Easton Ellis, assim como em Fassbinder, a história continua a recorrer a olhares, mais do que ao enredo. Na primeira cena de *O Nosso Paraíso*, nós esperamos bastante tempo para ver Jean Christophe Bouvet, mas ouvimo-lo, enquanto observamos o olhar do Stéphane Rideau. Até ao final do filme,

quando a criança assiste ao duplo crime e quando é apanhado a ver, multipliquei cenas de olhares. O mais surpreendente para a audiência é provavelmente o que é visto pela webcam. Enquanto acreditamos que estamos a ver uma nova cena de amor entre os personagens, um plano de sequência encaminha-nos para o anúncio que está no computador. Sim, eu gosto de filmes e realizadores estilizados.

-Desde início da entrevista, tem referido vários modelos, desde a literatura ao cinema. Gide disse uma vez que um artista que dispensa modelos, mostra apenas medo de não conseguir estar à sua altura, mostrando uma fraqueza mortal.

-O desejo mimético é criativo, Eu não acredito numa geração espontânea, o desejo de fazer um filme vem de um filme de que gostamos muito. Mas nada é tão pessoal como a estilização. O que eu afirmo é a afiliação a uma família, não a cópia de anteriores estilizações.

-Como por exemplo?

-Em França, eu sinto-me relacionado com diferentes proposições de estética de diferentes realizadores assim como Ozon, Honoré ou Civeyrac. Os filmes de culto que me estimularam antes de fazer este filme foram o *Natural Born Killers*, *My Own Private Idaho* e o *The Honeymoon Killers*.

UMA OPERAÇÃO COMANDO

-...filmes com um grande orçamento. No entanto O Nosso Paraíso foi realizado com um orçamento limitado.

- O meu produtor Paulo Branco disse uma boa frase à cerca do filme : "*um filme comando*", que define exactamente como este limite não nos deitou a baixo mas acabou por se tornar numa excitante aventura. Avancei num permanente estado de guerra, onde os meus aliados eram a minha equipa. E até o tempo, se nos lembrarmos da neve no fim do filme. Este pequeno orçamento ter-me-ia chateado num filme como *Aprés Lui*, mas para *O Nosso Paraíso*, que não poderá ser emitido em horário nobre na televisão, eu fui tão longe quanto o meu desejo me levou. E posso dizer que tive à minha disposição todos os meios necessários para conseguir este objectivo extremo.

-Pode explicar isso?

-Com certeza, é perfeitamente óbvio. Eu não me enchi de máquinas, não usei dolly, limitei tudo ao travelling, não tinha zoom.

Tive de conceber o meu filme com uma gramática cinematográfica diferente dos meus planos de sequência, tive de construir o meu filme de maneira diferente. Esta restrição não me permitiu ficar parado. Nunca me senti tão livre para inventar planos. Já falei sobre homossexualidade em outros filmes, mas aqui tive a impressão de

que falei de maneira diferente. Sabia o que não queria.

- E os seus 'soldados' mantiveram-se consigo.

- Quis viver esta aventura com pessoas que senti serem muito fortes. A maior parte deles são fiéis apoiantes que se adaptam às situações – por exemplo, trabalhei de maneira diferente com o meu editor graças a 18 anos de uma forte colaboração. Mudei um elemento essencial: o meu chefe-operador, no sentido que não queria que ele repetisse os seus anteriores reflexos: no entanto, Nicolas Dixmier, que costumava ser o meu chefe electricista, tomou ambas as funções, deixando-me muito confiante e seguro com a sua nova posição e o seu olhar perante o filme.

Entrevista por Jacques Grant

FILMOGRAFIA

GAËL MOREL

CINEMA

2011 **O NOSSO PARAÍSO**

Com Stéphane Rideau, Dimitri Durdaine, Béatrice Dalle, Didier Flamand

2007 **APRÈS LUI**

Com Catherine Deneuve, Guy Marchand, Elodie Bouchez

2004 **LE CLAN**

Com Nicolas Cazalé, Stéphane Rideau, Thomas Dumerchez, Salim Kechiouche

2003 **LES CHEMINS DE L'OUED**

Com Nicolas Cazalé, Amira Casar, Mohamed Majd, Kheireddine

1996 **A TOUT VITESSE**

Com Elodie Bouchez, Stéphane Rideau, Pascal Cervo, Meziane Bardadi

1994 **LA VIE À REBOURS**

Com Stéphane Rideau, Paul Morel, Aurélien Morel

TELEVISÃO

2008 **NEW WAVE**

Com Béatrice Dalle, Valentin Ducommun, Victor Chambon

1999 **PREMIÈRES NEIGES**

Com Elodie Bouchez, Stéphane Rideau, Aure Atika